

A NAVE DE ALCOBAÇA

Horácio Costa*

A arquitetura tende a ser melhor absorvida pelo discurso poético em forma de prosa. Seja prosa poética ou narrativa: são os arcobotantes e as ogivas de Notre Dame que emolduram os avatares do Corcunda na pluma de Victor Hugo; assim como as memórias de uma cidade desaparecida no terremoto de 1755, que dão azo às cavilações sobre a Lisboa de Herculano, penosamente reconstruída em sua magistral introdução a *O Monge de Cister*.

Em poesia, a arquitetura parece servir antes a uma concepção da obra – como atestam as maquetes do cosmos na *Divina Comédia* e mesmo na reconstrução de um cenário de paraíso perdido na queda dos anjos em Milton – ou seja: antes uma estrutura mental, quase uma taxologia arquitetural, do que origem de um funcionamento intertextual preciso. Como se os poetas, a sua maioria, estivessem familiarizados com a eufrase de longa tradição, o *diktat* horaciano *Ut pictura poesis*, do que explorar as correspondências artísticas entre o espaço arquitetônico e o discurso verbal em poesia.

Não assim Jorge de Sena em *Metamorfozes*. Há décadas escrevi sobre o paradigma das colunas nessa sua obra, a meu ver a mais espicaçante de sua produção poética. Pois: o tempo não diminuiu, para mim, a excepcionalidade de sua, antes do que leitura, visão do interior de Alcobaça como uma espécie de construção da somatória ossos + tendões do corpo humano.

!

O Românico, sabemos-lo bem, antecede o Gótico em muita coisa, inclusive na (muito) menor importância, tanto estrutural quanto plástica, dos vazios das fachadas. O Gótico se estrutura, literalmente, em função da luz que entra pelo rendilhado das rosáceas e dos vitrais; o Românico, fá-lo em

função da elevação etérea dos espaços, de sua crescente espiritualização teatral. Nesse sentido, as colunas ocupam um lugar predominante na retórica do espaço românico.

Sem dúvida, essas noções consabidas do trânsito entre ambos os movimentos mais importantes na arquitetura medieval estavam no foco do discurso poético de Jorge de Sena ao focalizar a nave de Alcobaça, a filha de Cluny mais imponente do românico português, a casa-mãe do monacato luso.

Mas ele dá um passo adiante ao transformar a nave em um conato do corpo humano, não em situação de dissecação anatômica, o que seria previsível no *parti-pris* do poema, mas como experiência mística de elevação física e espiritual a partir da pura contemplação arquitetônica.

Osasco, 1º II 2019

* Poeta traduzido em várias línguas e tradutor de poetas modernos. Graduado em Arquitetura e Urbanismo, pela USP, mestrados em Artes (New York University e Yale University), mestrado em Filosofia (Yale University), e doutorado em Filosofia (Yale University). Professor do Depto. de Letras Clássicas e Vernáculas/ FFLCH – USP, dedica-se sobretudo à Literatura Portuguesa, e a estudos comparativos Portugal, Brasil e América Hispânica. Lecionou em vários países e integra centros internacionais de pesquisa, dentre os quais o CHAM da Universidade Nova de Lisboa (projeto “Cultura, história e pensamento ibéricos e ibero-americanos”) e o “Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa”, da Universidade do Porto (projeto “Intersexualidades”).